

# Uma História da Pedagogia Crítica e dos Estudos Críticos em Educação

## A History of Critical Pedagogy and the Critical Studies in Education

IRÈNE PEREIRA 

CIRNEF, Universidade de Rouen Normandie, França

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo estudar a pedagogia crítica e as teorias críticas na educação, especialmente desde a sua emergência nos Estados Unidos no início da década de 1980. Destacaremos especialmente a importância da obra de Paulo Freire nessa história. Podemos distinguir três principais estágios. O primeiro é o dos anos 1980, marcado pela influência da teoria crítica da Escola de Frankfurt. O segundo período começa na década de 1990 e é caracterizado por questões pós-modernas e multiculturalismo. Para essa fase, é dada atenção especial ao trabalho pedagógico de bell hooks. Por fim, podemos identificar um terceiro período caracterizado pela emergência da interseccionalidade e do pensamento decolonial latino-americano. Essa história da pedagogia crítica é marcada por trocas intelectuais entre o mundo de língua inglesa e as áreas de língua ibérica (espanhol e português), enquanto a esfera linguística de língua francesa permanece em grande parte separada dessas abordagens.

**PEDAGOGIA CRÍTICA. ESTUDOS CRÍTICOS EM EDUCAÇÃO. PAULO FREIRE. HISTÓRIA DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS.**

**ABSTRACT:** This article aims to study critical pedagogy and critical theories in education, especially since their emergence in the United States from the early 1980s. We will particularly emphasize the significance of Paulo Freire's work in this history. We can distinguish three major stages. The first is the 1980s marked by the influence of the critical theory of the Frankfurt School. The second period begins in the 1990s and is characterized by postmodern and multicultural issues. For this phase, special attention is given to the pedagogical work of bell hooks. Finally, we can identify a third period characterized by the emergence of intersectionality and Latin American decolonial thought. This history of critical pedagogy is marked by intellectual exchanges between the Anglophone sphere and the Iberian language areas (Spanish and Portuguese), while the French-speaking linguistic sphere remains largely separate from these approaches.

**CRITICAL PEDAGOGY. CRITICAL STUDIES IN EDUCATION. PAULO FREIRE. HISTORY OF PEDAGOGICAL IDEAS.**

## Introdução

Existe uma literatura muito abundante no mundo sobre a pedagogia crítica<sup>1</sup>. Para se ter uma ideia disso, pode-se recorrer ao Google Scholar. Em uma pesquisa realizada em 2023, ao digitar a expressão “critical pedagogy”, obtêm-se 254.000 resultados. Ao escrever a expressão “pedagogia crítica”, encontram-se 22.800 resultados. Ao buscar com a expressão “pédagogie critique”, obtêm-se 1.780 resultados.

É necessário, no entanto, introduzir algumas nuances a esses resultados. Em primeiro lugar, o uso da língua inglesa é amplamente majoritário no mundo acadêmico. A expressão “pedagogia crítica” pode ser utilizada tanto em português quanto em espanhol ou italiano. Além disso, nem sempre é certo que o uso do termo “pédagogie critique” remeta a uma mesma significação unificada. Não obstante, essa primeira pesquisa nos parece permitir formular duas observações. A primeira é que a expressão “pédagogie critique” parece ser suficientemente utilizada na literatura internacional para justificar que se a tome como objeto de estudo. Por outro lado, pode-se notar a importante defasagem em relação à área francófona, comparativamente às outras áreas linguísticas exploradas, uma vez que se encontram relativamente poucos resultados.

Uma outra questão se coloca em relação à pedagogia crítica: saber quando essa expressão emerge. Aqui também, quando se utiliza a ferramenta de busca do Google Scholar, mal se encontram ocorrências anteriores a 1980. Se se observam as poucas ocorrências que se obtêm com as três expressões mencionadas acima, os raros usos da expressão são bastante vagos e não parecem referir-se

a um conjunto de significações unificadas. A situação é completamente diferente em língua inglesa a partir dos anos 1980. O uso aparece em particular no início dos anos 1980 no pensador estadunidense Henry Giroux. A pesquisa via Google Scholar corrobora as afirmações encontradas na obra *The Critical Pedagogy Reader* — reeditada diversas vezes —: “O primeiro texto a utilizar o termo ‘pedagogia crítica’ encontra-se em *Théorie et Résistance* de Henry Giroux, publicado em 1983” (Darder, A., Baltodano, M., & Torres, R. D., 2003).

A título de comparação, nos anos 1980, obtêm-se um artigo que aborda a “pédagogie critique”, em língua francesa, mas com referência ao contexto estadunidense (Dominicé, 1988). As ocorrências encontradas com a expressão “pedagogia crítica” para o mesmo período remetem sobretudo a autores estadunidenses (Henry Giroux, Peter McLaren) ou a obras que Paulo Freire realizou com alguns desses autores (como Donalddo Macedo).

Uma vez delimitada geográfica e cronologicamente a noção de pedagogia crítica, desejamos retomar o que significa o termo “crítica” nessa expressão. A obra *The Critical Pedagogy Reader* (Darder, A., Baltodano, M., & Torres, R. D., 2003) propõe diversas origens intelectuais para a pedagogia crítica, mas duas nos parecem mais aptas a esclarecer o sentido do termo “crítica”. A primeira é a referência à Escola de Frankfurt, também denominada Teoria Crítica. A obra *Théorie traditionnelle et théorie critique* (Horkheimer, 1974) não deixa de evocar a ideia de opor uma pedagogia tradicional a uma pedagogia crítica. Portanto, a “pedagogia crítica” pode ser compreendida como a constituição de uma práxis crítica apoiada em uma teoria crítica em educação. A noção de “crítica” pode também ser referida, nesse contexto, ao termo “conscientização”, oriundo da obra de Paulo Freire, cuja tradução para o inglês é *critical consciousness*. Essa noção deve ser distinguida, na

---

<sup>1</sup> Poucos trabalhos foram publicados na França e em língua francesa sobre o assunto; se excetuarmos mais recentemente os trabalhos que publicamos, pode-se citar em particular: González Monteagudo, J. (2002).

literatura internacional, daquela de *critical thinking* (Lai, 2011). As duas noções remetem a duas correntes distintas da formação do espírito crítico. O *critical thinking* é oriundo das ciências cognitivas e da filosofia analítica e se interessa em formar as pessoas em habilidades de raciocínio provenientes das ciências e da lógica. O *critical consciousness* (Jemal, 2017) se interessa pela análise das relações sociais de poder e pelo engajamento das pessoas na ação coletiva.

Parece-nos também importante sublinhar que a noção de pedagogia remete a um uso particular na pedagogia crítica. Não se trata, como ocorre, por exemplo, com Maria Montessori, de um método. Ao se ler autores como Henry Giroux, Peter McLaren ou ainda bell hooks, não se encontra a descrição de métodos, técnicas ou ferramentas pedagógicas. A pedagogia crítica designa uma *práxis* (ação-reflexão-ação), apoiada na educação, orientada para a transformação social por meio da ação coletiva militante. Os estudos críticos em educação aparecem assim como a dimensão teórica da pedagogia crítica. A noção de pedagogia pode ter, além disso, uma acepção ampla, não se limitando nem à educação formal, nem à educação não formal, mas incluindo amplamente a educação informal com as noções de “*outside curriculum*” e de “*public pedagogy*” (Schubert, 2010).

O objetivo deste artigo é apresentar uma história intelectual da pedagogia crítica. O que nos interessa em primeiro lugar são as correntes teóricas que tiveram influência sobre a pedagogia crítica. A partir da leitura de um *corpus* de obras em quatro línguas — inglês, português, espanhol e francês (que não poderia ser exaustivo, dada a amplitude das referências existentes) —, procuramos distinguir uma periodicidade da pedagogia crítica desde os anos 1980. Fomos levados a distinguir três momentos. Os anos 1980 são marcados por um marxismo heterodoxo com referências como a Escola de Frankfurt. Os anos 1990/2000 são caracterizados por uma influência do pós-modernismo e do multiculturalismo. Por fim, o

período mais recente, desde os anos 2010, caracteriza-se, em particular, pela influência das correntes interseccionais e decoloniais.

## 1 Os anos 1980: uma influência marxista heterodoxa

Nesta primeira parte, retornaremos às influências intelectuais da pedagogia crítica nos Estados Unidos durante os anos 1980. Ao passo que fora da França a escola althusseriana em educação continua a ser mencionada, pode-se estranhar que na França o marxismo em educação, a partir dos anos 1980, não tenha o mesmo peso que pode ter nos Estados Unidos.

### 1.1 A influência de Paulo Freire

Paulo Freire vive no exílio durante dez anos, entre 1970 e 1980, em Genebra, na Suíça, portanto próximo à França e em um país francófono. Durante esse período, a influência de Paulo Freire parece estar presente no mundo francófono e em particular na França. Pode-se notar, a esse respeito, que suas obras são regularmente publicadas em francês durante esse período: *Education: pratique de la liberté* (1971), *Pédagogie des opprimés* (1974), *Lettres à la Guinée Bissau* (1978). Em contrapartida, as obras publicadas por Paulo Freire durante os anos 1980 não são traduzidas para o francês.

É interessante comparar o número de resultados em francês e em inglês referentes a Paulo Freire no *Google Scholar*. Encontram-se nas páginas em francês 5.970 resultados; nas páginas em inglês, obtêm-se 182.000 resultados. É evidente que se deve relativizar esses números levando em conta o peso do inglês como língua acadêmica<sup>2</sup>.

No entanto, parece-nos que existem também

---

<sup>2</sup> Se se quiser efetuar outra comparação, encontram-se na *Amazon* 117 títulos de obras em língua inglesa mencionando o nome “Paulo Freire”, 91 em português e 53 em espanhol.

razões históricas para essa diferença de recepção. Se a *Pedagogia do Oprimido* foi publicada pela primeira vez em inglês em 1970 e em francês em 1974, a diferença não nos parece residir na década de 1970. Com efeito, como mostramos acima, durante esse período Paulo Freire goza de uma boa recepção de sua obra em língua francesa. Para nós, a diferença de recepção se manifesta nos anos 1980, a partir dos laços que Paulo Freire continua a manter com universitários estadunidenses e da publicação de vários escritos nos Estados Unidos. Podem-se notar em particular as colaborações — sob a forma de obras, diálogos ou prefácios — com Ira Shor (1987), Donalddo Macedo (1987), Henry Giroux (1988). Pode-se mencionar também, em 1988, a publicação de *The Paulo Freire Reader* (Freire e Macedo, 1988). A essas referências, é possível acrescentar, em 1992, (Leonard, McLaren, 1992).

## 1.2 A pedagogia crítica estadunidense e suas influências intelectuais

Passaremos a retomar as influências intelectuais da pedagogia crítica nos Estados Unidos durante os anos 1980.

Reteremos da obra de Henry Giroux nos anos 1980 dois textos que nos parecem particularmente emblemáticos dentre as inúmeras obras que publicou. Primeiramente, trata-se de “*Theories de la reproduction et résistance dans la nouvelle sociologie de l’éducation: une analyse critique*” (1983). Esse texto, considerado o primeiro a mencionar a ideia de pedagogia crítica, contém uma simples menção em nota de rodapé a Paulo Freire. Em contrapartida, ele revela o forte enraizamento marxista da obra, em particular por meio de numerosas referências à filosofia e à sociologia althusserianas. Constata-se igualmente referências a Herbert Marcuse. A menção a esse autor é tanto mais compreensível quanto ele é um dos teóricos da Escola de Frankfurt a ter exercido influência mais duradoura nos Estados Unidos, tendo

ensinado, a partir dos anos 1950, em diferentes universidades estadunidenses. O artigo coloca em tensão duas correntes na sociologia da educação. A primeira é a sociologia da reprodução social, representada no texto principalmente pelos althusserianos, Bourdieu e Passeron, e pela sociologia marxista estadunidense de Bowles e Gintis. A outra corrente é a sociologia da resistência, encarnada principalmente pela *L’école des ouvriers* de Paul Willis, ou seja, por uma etnografia da escola que ilumina a existência de uma cultura anti-escola. Mas se Giroux apela a uma teoria da resistência ao final de seu artigo, é para abrir um novo caminho que é o da pedagogia crítica.

Outro marco interessante de sua obra nos anos 1980 nos parece ser o artigo intitulado: “*Intellectual labor and pedagogical work: Rethinking the role of teacher as intellectual*.” (Giroux, 1985). Nesse artigo, encontra-se uma nítida influência da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Giroux descreve a proletarianização dos professores e a dominação da racionalidade instrumental à qual estão confrontados sob o efeito de uma racionalização tecnicista do ensino. Encontram-se nesse artigo temáticas muito frankfurtianas com referências a Horkheimer, Marcuse ou Habermas. Da leitura desses dois exemplos de artigos, pode-se ver que a pedagogia crítica em Henry Giroux parece, ao menos inicialmente, mais marcada pela influência da Escola de Frankfurt do que por Paulo Freire. Em contrapartida, em 1988, é Paulo Freire quem prefacia a obra de Henry Giroux sobre os professores como intelectuais (Giroux, 1988).

Se se pode tentar buscar uma origem para a popularidade de Paulo Freire nos Estados Unidos nos anos 1980, pode-se talvez procurá-la primeiramente em Ira Shor. De fato, em sua obra *Critical Teaching and Everyday Life* (Shor, 1980), encontram-se numerosíssimas referências à obra de Paulo Freire. Essa importância atribuída a esse autor em Ira Shor

aparece na publicação em 1987 de uma obra de entrevistas. É o ano em que Paulo Freire publica também uma obra nos Estados Unidos com Donaldo Macedo. Pode-se notar, no entanto, em 1985, a publicação em inglês por Paulo Freire, com tradução efetuada por Donaldo Macedo e prefácio de Henry Giroux, de *The politics of education* (Freire, 1985). Essa obra inaugura uma coleção dirigida por Freire e Giroux: *Critical Studies in Education Series*. A obra é constituída de uma série de textos de Paulo Freire, cujo último é intitulado: “*Rethinking Critical Pedagogy: A dialogue with Paulo Freire*”. Trata-se de uma entrevista com Donaldo Macedo.

Além dessas diferentes personalidades, as grandes figuras da pedagogia crítica dos anos 1980 são, em particular, Peter McLaren, Stanley Aronowitz e Michael Apple. Se vários pedagogos críticos estadunidenses viram suas obras traduzidas para o espanhol ou o português e difundidas na América Latina, o mesmo não ocorre em francês. Para ilustrar um exemplo da defasagem entre o mundo francófono e os países anglo-saxões, é possível tomar a noção de currículo oculto, particularmente utilizada na pedagogia crítica e na sociologia crítica americana. Na área francófona, a noção de currículo oculto é na maioria das vezes utilizada sem referências a relações sociais de poder, como é o caso, por exemplo, em Philippe Perrenoud (Perrenoud, 1993). Diferentemente, em um autor como Michael Apple, que desenvolveu longamente em sua obra a noção de currículo oculto, esta é utilizada para revelar relações sociais de poder na escola (Apple, 1979), em particular de caráter capitalista.

Por isso, ao se comparar com a situação francesa, o contexto estadunidense da sociologia crítica da educação e da pedagogia crítica, nos anos 1980, é marcado pela permanência de referências explícitas ao marxismo nesses diferentes autores. Inversamente, a importância adquirida na França pela escola bourdieusiana, após a internação de Althusser,

poderia explicar, em contraste, uma menor importância atribuída às referências marxistas.

### **1.3 Final dos anos 1980 e início dos anos 1990: A controvérsia entre as pedagogas feministas pós-estruturalistas e os pedagogos críticos**

O final dos anos 1980 e o início dos anos 1990 marcam uma virada no pensamento acadêmico contestatório nos Estados Unidos. Enquanto, como vimos, os anos 1980 permanecem marcados pela influência de um marxismo heterodoxo, em particular inspirado pela Escola de Frankfurt, os anos 1990 são caracterizados pelo multiculturalismo e pelo pós-modernismo. É em particular a época do que se chamou de *French Theory* (Cusset, 2013). É nesse momento que autores como Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Julia Kristeva, por exemplo, conhecem uma importante recepção nos Estados Unidos por meio dos departamentos de literatura.

É nessa época que eclode uma controvérsia nos Estados Unidos entre as pedagogas feministas pós-estruturalistas e os pedagogos críticos<sup>3</sup>. Essa polêmica se centra em particular em torno da publicação de um artigo de Elisabeth Ellsworth (1989). Nos Estados Unidos, a pedagogia feminista emerge no início dos anos 1980, aqui também com uma influência freiriana (Fisher, 1981). Berenice Fisher menciona explicitamente Paulo Freire em seu artigo inaugural sobre a pedagogia feminista.

A ideia de que Paulo Freire não aborda em suas obras suficientemente a questão feminista, de que ele utiliza uma linguagem machista — o que ele próprio reconhecerá — ao falar dos “homens”, e não “dos homens e das mulheres”, era sem dúvida uma crítica recorrente já presente anteriormente entre

<sup>3</sup> Essa controvérsia foi estudada em particular por Vanina Mozziconacci em sua obra *Qu'est-ce qu'une éducation féministe?* (2022).

feministas. Mas as feministas pós-estruturalistas atacam mais geralmente os pedagogos críticos como sendo homens brancos que subestimam em suas obras a importância das questões feministas e antirracistas.

Na realidade, a crítica de Ellsworth não incide unicamente sobre esse aspecto; ela reprocha também à pedagogia crítica continuar a se referir a um referencial racionalista no momento em que o pós-modernismo ataca o caráter hegemônico da razão.

Essa importância assumida pela abordagem pós-estruturalista no interior da vida intelectual americana teve, entre outros efeitos, uma mudança de orientação na obra de Henry Giroux, que efetua uma virada pós-moderna (Giroux e Kincheloe, 1992). Por sua parte, Peter McLaren permanece mais reticente a essa virada e reforça seu enraizamento marxista (Darder, Baltodano & Torres, 2003).

## 2 Os anos 1990-2010: Os anos pós-modernos

Mesmo que durante esse período o referencial pós-moderno e multiculturalista se torne hegemônico no interior dos *Critical Studies*, ele não faz unanimidade. Por isso, mostraremos como a feminista bell hooks ocupa um lugar bastante particular nesse contexto.

### 2.1 A emergência de novas correntes

Mesmo que as novas correntes críticas que emergem na pedagogia nos anos 1990 destaquem dimensões que lhes parecem pouco tratadas pelos pedagogos críticos, elas se referem a Paulo Freire e à pedagogia crítica (Pereira (dir.), 2019). Poder-se-ia com efeito questionar se suas críticas relativamente à pedagogia crítica dos anos 1980 não deveriam conduzir a vê-las como correntes alternativas, distintas da pedagogia crítica. No entanto, pode-se

tomar como indicio de uma relativa unidade entre esses diferentes autores e autoras a referência à obra *The Critical Pedagogy Reader*<sup>4</sup>. Nas diversas edições dessa obra, encontram-se textos de autores como: Henry Giroux, Ira Shor, Peter McLaren, Donaldo Macedo, Douglas Kellner, bell hooks, Gloria Ladson-Billings, Joe Kinchloe, por exemplo. Além disso, o sumário da obra ilumina várias problemáticas como a classe social (2ª parte), racismo e identidades (3ª parte), gênero e sexualidades (4ª parte), democracia (8ª parte).

Recordaremos assim alguns elementos cronológicos da emergência das correntes mais marcantes nessa época nos Estados Unidos. Encontra-se já em 1990 uma ocorrência de uma pedagogia pós-colonial (Niranjana, 1990). Pode-se notar a emergência em 1995 da pedagogia queer (Britzman, 1995), que pode ser situada na continuidade do desenvolvimento da teoria queer, entre outros por Judith Butler. No mesmo ano, Gloria Ladson-Billings (1995) propõe por sua parte uma pedagogia antirracista. Joe Kinchloe (McLaren e Kinchloe, 2007) e Shirley Steinberg desenvolvem por seu lado uma pedagogia crítica pós-moderna e multiculturalista. Os autores da pedagogia crítica intervêm nesses debates, como mostram textos da época (Giroux, 1992b; McLaren, 1995).

A emergência dessas diferentes correntes em pedagogia reflete o contexto histórico. Assiste-se nos Estados Unidos a importantes debates intelectuais e sociais concernentes à política das identidades. Esse interesse pelas minorias aparece em várias correntes intelectuais da época. Em filosofia, assiste-se ao debate entre liberais e comunitaristas, uma de cujas dimensões diz respeito à questão do multiculturalismo. A teoria *queer* se interessa pelas minorias de gênero e de sexualidades. No que concerne às problemáticas do racismo, estas são

<sup>4</sup> A obra conheceu 4 reedições desde 2003. Pode-se constatar certa variação nos textos incluídos ao longo dos anos (por exemplo, Gloria Ladson-Billings ou Ira Shor não figurando em todas as edições).

abordadas entre outros pela teoria crítica da raça (TCR), corrente crítica originária de um grupo de juristas afro-americanos. Os anos 1990 são igualmente marcados pela emergência das teorias pós-coloniais.

## 2.2 O lugar de bell hooks

A feminista afro-americana bell hooks inaugura sua trilogia pedagógica com *Teaching to transgress* [Ensinando a transgredir (hooks, 2018)] em 1994. bell hooks vai assumir uma posição original nesse contexto ao reivindicar uma pedagogia crítica feminista. Sua posição é particular por dois aspectos.

É necessário recontextualizar a autora. Ela se torna conhecida no início dos anos 1980 com a obra *Ne suis-je pas une femme ?* (2015). Esse texto a situa na corrente do black feminism, assim como outras autoras como Angela Davis ou Patricia Hill Collins. Essas pensadoras têm a particularidade de se interessar pelas relações sociais imbricadas de classe social, sexo e raça.

Em *Apprendre à transgresser* (hooks, 2018), bell hooks retoma a crítica que as feministas fazem a Paulo Freire, a saber, que ele não levou suficientemente em conta o feminismo. Ela conta, aliás, como durante uma visita desse autor aos Estados Unidos, conseguiu assistir a uma conferência e interpelá-lo sobre o assunto. Este lhe deu razão quanto à insuficiência da consideração da questão feminista. Não obstante, ela se distingue das feministas brancas de extração social burguesa ao recordar a contribuição, segundo ela, da obra de Paulo Freire no que concerne à crítica das relações sociais de classe e do colonialismo, que constituem para ela pontos cegos do feminismo branco liberal.

Mas bell hooks tem uma outra particularidade nesse contexto de ascensão dos pensamentos pós-modernos: ela não adere a essas grades de leitura, assim como é o caso das autoras da corrente do black

*feminism*, que permanecem marcadas por uma orientação estruturalista marxiana, como o atesta o uso da categoria de classes sociais em vez de uma fascinação pós-moderna pela fluidez das identidades. Em uma entrevista de 2009, bell hooks retoma seu posicionamento em relação ao pós-modernismo:

“Não, penso antes que o pós-modernismo tem pouco impacto sobre meu trabalho. Meu trabalho é influenciado principalmente pelas circunstâncias concretas de nossa vida cotidiana. Na medida em que vivemos em um mundo pós-moderno e que ele molda as circunstâncias concretas de nossa vida cotidiana, diria que o pós-modernismo afeta meu trabalho ou influencia meu trabalho. Mas em geral, não consagro muito tempo a refletir sobre o pós-modernismo. (hooks, 2009).”

Esse posicionamento é importante porque bell hooks é considerada uma precursora da noção de interseccionalidade, e porque ele recorda bem que o enraizamento do black feminism não se encontra de forma alguma do lado do pós-modernismo.

## 2.3 Desvios pela América Latina

Contrariamente às circulações teóricas que são fracas entre a pedagogia crítica norte-americana<sup>5</sup> e a área francófona, há circulações nitidamente mais importantes entre a América Latina e os Estados Unidos. Por isso, faremos um desvio por duas correntes pedagógicas que emergem durante os anos 1990 na América Latina, mas que conhecem posteriormente uma recepção nos Estados Unidos.

A primeira corrente é a ecopedagogia. Essa abordagem aparece na Costa Rica inicialmente com Fernando Gutiérrez e Cruz Prado (1999). É retomada no Brasil por Moacir Gadotti (2005), que foi colaborador de Paulo Freire, no interior do Instituto Paulo Freire. A ecopedagogia é inspirada na teologia

<sup>5</sup> Vários autores da pedagogia crítica fazem sua carreira nos Estados Unidos, mas são originários do Canadá anglófono, como Henry Giroux, Peter McLaren ou ainda Joe Kincheloe.

da libertação de Leonardo Boff (1996)<sup>6</sup>. No entanto, talvez por causa de seus fundamentos teológicos, mas também porque é uma corrente específica da educação, a ecopedagogia conhece uma recepção certamente internacional, mas relativamente limitada. Existem tentativas de adaptação da ecopedagogia, em particular na busca de outros fundamentos filosóficos (Misiaszek, Torres, 2019). Aqui a recepção se efetua em particular via o Instituto Paulo Freire da Califórnia, dirigido por Carlos Alberto Torres.

Outra corrente que emerge na América Latina, mas que conhece em seguida uma recepção nos Estados Unidos, é a pedagogia decolonial. O pensamento decolonial latino-americano se funda em torno do conceito de “colonialidade do poder” proposto pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano no âmbito do grupo Modernidade/Colonialidade, no final dos anos 1990. Esse grupo reúne vários intelectuais latino-americanos, como o filósofo Enrique Dussel ou o semiólogo Walter Dignolo, que ensina na Universidade Duke, nos Estados Unidos. Entre os membros fundadores, uma única mulher, Catherine Walsh, que foi colaboradora de Paulo Freire e que está estabelecida no Equador. Ela propõe a elaboração de uma pedagogia decolonial (Walsh, 2009) apoiada nos conceitos do grupo Modernidade/Colonialidade.

No que diz respeito à recepção do pensamento decolonial na França, ela permanece por longo tempo objeto de importantes deformações e contrassensos, ao mesmo tempo em que vários textos decoloniais latino-americanos são objeto de traduções, mas frequentemente em publicações de difusão restrita. Assim, o artigo citado acima de Catherine Walsh (2014) é traduzido em 2014.

### 3 Os anos 2010 até os dias de hoje: Interseccionalidade, decolonialidade, pós-humanidade

A pedagogia crítica no decorrer dos anos 2000 sofre a influência de novas abordagens críticas. Desse modo, as abordagens críticas que se tornam importantes nos outros campos dos Critical Studies são também as que ganham importância no interior da pedagogia crítica. Nos interessaremos por três noções: o decolonial, a interseccionalidade e o pós-humanismo.

#### 3.1 A pedagogia crítica decolonial nos Estados Unidos

Se o pensamento decolonial latino-americano conhece uma recepção nos Estados Unidos e, por conseguinte, uma internacionalização, é porque várias figuras dessa corrente ensinam nos Estados Unidos, como Walter Dignolo, Maria Lugones ou ainda Ramón Grosfoguel. Essa recepção nos Estados Unidos permite uma internacionalização da recepção dessa corrente. O artigo de Catherine Walsh já mencionado foi publicado simultaneamente em inglês em 2009 (Walsh, 2009). Essa é uma situação corrente para vários textos decoloniais que são publicados simultaneamente em inglês e espanhol. Entre uma nova geração de pedagogos críticos, pode-se citar Noah de Lissovoy, que publica também um texto sobre o decolonial em 2010 (Lissovoy, 2010).

Parece-nos igualmente pertinente mencionar a influência de uma outra abordagem decolonial em educação, particularmente sobre os estudos do currículo: são as epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos. Este é também um autor que possui uma importante estratégia de internacionalização de seu pensamento por meio da publicação em várias línguas dos mesmos textos — na maior parte das vezes inglês, espanhol e português (com uma, por conseguinte, mais fraca recepção em língua francesa)

<sup>6</sup> A obra ecológica de Boff teve influência na encíclica *Laudato'si* do Papa Francisco.

— e por uma atividade de ensino em vários países, além de Portugal, em particular os Estados Unidos. No Brasil, seu trabalho influencia o de Inês Barbosa de Oliveira (2008). Nos Estados Unidos, pode-se notar na mesma veia o trabalho de Paraskeva (2016).

Pode-se sublinhar também que a figura histórica da pedagogia crítica, Peter McLaren, se refere igualmente a uma “pedagogia revolucionária decolonial” (Monzó & McLaren, 2014) desde os anos 2010.

### 3.2 A interseccionalidade e o privilégio social

A noção de interseccionalidade aparece no final dos anos 1980 sob a pluma da jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw. Essa autora se situa no cruzamento do *black feminism* e da *teoria crítica da raça*. Essa noção visa a levar em conta simultaneamente a classe social, o sexo e a raça.

Em sua obra *Interseccionalidade* [Intersectionality (Bilge e Collins, 2022)], publicada pela primeira vez em 2016, as autoras consagram um capítulo às aproximações entre a pedagogia crítica de Paulo Freire e a Interseccionalidade. Esse vínculo entre a interseccionalidade e a obra de Paulo Freire é considerado por Schneuwly e Hofstetter (2021) como a explicação do importante aumento das referências à obra de Paulo Freire na literatura internacional de pesquisa.

Para tomar um exemplo da referência à interseccionalidade em um tipo de produção pedagógica que se pode associar à pedagogia crítica, é possível mencionar as obras coordenadas por Kim Case sobre o privilégio social (2013) e a interseccionalidade (2016). A noção de privilégio social, frequentemente associada à de interseccionalidade, tem sua origem por sua parte na feminista americana Peggy McIntosh.

É possível tomar um outro exemplo de um pensamento próximo da noção de interseccionalidade em pedagogia: é a pedagogia anti-opressiva desenvolvida por Kevin Kumashiro (2000). Este visa originalmente a uma reflexão sobre a imbricação da raça e da orientação sexual, a partir de uma abordagem influenciada pela teoria queer e pela pedagogia *queer*<sup>7</sup>.

### 3.3 Pós-humanismo crítico e educação

Ainda muito emergente no campo das pedagogias críticas e da educação encontram-se os trabalhos pedagógicos críticos que se referem ao pós-humanismo crítico (Bayley 2018). A ideia de pós-humanismo crítico encontra em particular sua fonte no devir feminista cyborg imaginado por Donna Haraway (2006) nos anos 1980. No entanto, assiste-se desde alguns anos a um interesse pelo pós-humanismo em educação. Pode-se notar, na esfera das pesquisas críticas, a referência aos saberes pós-humanistas de Rosi Braidotti (Braidotti, 2019). O pós-humanismo crítico deve ser distinguido do transumanismo. Trata-se de uma reflexão visando a desconstruir o humanismo clássico, acusado de mascarar relações de poder. Essas relações estão presentes primeiramente na época moderna com a remissão em questão da humanidade dos não europeus. Na época contemporânea, é o estatuto dos não humanos que levanta questão, em particular o dos animais.

A abordagem pós-humanista crítica é considerada por alguns e algumas (Bayley 2018) como permitindo levar em conta os desafios colocados pela era do Antropoceno. A abordagem pós-humanista parece efetuar um retorno a certos aspectos do pós-modernismo, ao passo que a interseccionalidade recolocava em cena a “classe social” — ainda que seja uma abordagem percebida como muito centrada no

<sup>7</sup> Encontra-se uma abordagem próxima na Suécia sob o nome de pedagogia crítica da norma.

gênero e na raça —, e o pensamento decolonial latino-americano, com o regime da colonialidade do poder, parecia reintroduzir uma metanarrativa.

## Conclusão

Procuramos neste artigo traçar a história da pedagogia crítica e dos estudos críticos em educação. Retomamos a ideia dos coordenadores de *The Critical Pedagogy Reader* de que, apesar das controvérsias internas, existe uma corrente que aparece no início dos anos 1980 e se prolonga até os dias de hoje, que pode ser qualificada de pedagogia crítica. Fala-se então de pedagogia crítica como se fala de Educação Nova. Busca-se determinar uma unidade a despeito de uma diversidade de posicionamentos internos. Um de seus elementos de unidade é caracterizado pela referência à obra de Paulo Freire.

Pode-se notar que a pedagogia crítica evolui em articulação com os estudos críticos em educação e, mais geralmente, o campo dos *Critical Studies* nos Estados Unidos. Esse país constitui igualmente a caixa de ressonância de correntes críticas aparecidas alhures, como o pós-colonial na Índia ou o decolonial na América Latina.

Pode-se sublinhar que em particular os autores dos anos 1980 — Giroux, McLaren ou Apple — têm uma carreira longa e são autores prolíficos. Se suas obras não são traduzidas para o francês, são objeto de uma importante recepção na América Latina. No entanto, de todos os autores oriundos do campo da educação, somente Paulo Freire possui uma recepção que transborda esse campo. Sua obra é objeto de uma recepção no trabalho social, na psicologia comunitária, na filosofia, nas ciências sociais, nos estudos étnicos...

A pedagogia crítica é um campo que soube constantemente se renovar desde os anos 1980, mas como outras abordagens nas pesquisas em educação, isso ocorre por meio da recepção de correntes criadas

fora do campo da educação. Ela não soube produzir, por enquanto, uma ou mais teorias críticas que irrigam outros domínios de pesquisa.

## Referências

- Apple, M. (1979). *Ideology and Curriculum*. Boston: Routledge and Kegan Paul.
- Bayley, A. (2018). Posthumanism, decoloniality and re-imagining pedagogy. *Parallax*, 24(3), 243-253. doi: [10.1080/13534645.2018.1496576](https://doi.org/10.1080/13534645.2018.1496576)
- Bilge, S., & Hill Collins, P. (2023). *Intersectionnalité. Une introduction*. Amsterdam éditions.
- Braidotti, R. (2019). *Posthuman knowledge* (Vol. 2). Cambridge: Polity Press.
- Boff, L. (1996). *Grito de la tierra, grito de los pobres. Hacia una conciencia planetaria*. Dabar: México, DF.
- Britzman D. P. , « Is there a queer pedagogy? Or, stop reading straight », *Educational theory*, vol. 45, n° 2, 1995. doi: [10.1111/j.1741-5446.1995.00151.x](https://doi.org/10.1111/j.1741-5446.1995.00151.x)
- Case, K. (Ed.). (2013). *Deconstructing privilege: Teaching and learning as allies in the classroom*. Routledge.
- Case, K. A. (Ed.). (2016). *Intersectional pedagogy: Complicating identity and social justice*. Routledge.
- Cusset, F. (2013). *French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze et Cie et les mutations de la vie intellectuelle aux Etats-Unis*. La Découverte.
- De Lissovoy, N. (2010). Decolonial pedagogy and the ethics of the global. *Discourse: Studies in the cultural Politics of Education*, 31(3), 279-293. doi: [10.1080/01596301003786886](https://doi.org/10.1080/01596301003786886)
- Dominicé, P. (1988). De l'apprentissage instrumental à la pédagogie critique: quelques grandes orientations de la formation des adultes aux Etats-Unis in *Education permanente et formation des adultes. Éducation permanente*, (92), 77-89.
- Ellsworth, E. (1989). Why doesn't this feel empowering? Working through the repressive myths of critical pedagogy. *Harvard educational review*, 59(3), 297-325. doi: [10.17763/haer.59.3.058342114k266250](https://doi.org/10.17763/haer.59.3.058342114k266250)
- Fisher, B. (1981). *What is feminist pedagogy?*. *The Radical Teacher*, 20-24.
- Freire, A. M. A., & Macedo, D. (1998). *The Paulo Freire Reader*.

- Cassell and Continuum, 370 Lexington Avenue, New York, NY 10017.
- Freire, P. (1971). *L'éducation: pratique de la liberté*; préface de Francisco C. Weffort, Paris, Cerf.
- Freire, P. (1974). *Pédagogie des opprimés et Conscience et révolution*, traduits du brésilien par François Maspero. Paris: Librairie François Maspero.
- Freire, P. (1978). *Lettres à la guinée-Bissau sur l'alphabétisation* [Letters to Guinea-Bissau on Literacy]. Paris: Maspero.
- Freire, P. (1985). *The politics of education: Culture, power, and liberation*. Greenwood Publishing Group.
- Gadotti, M. (2005). Pedagogia da terra e cultura de sustentabilidade. *Revista Lusófona de Educação*, (6), 15-29. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/artic le/view/842>
- Giroux, H. (1983). Theories of reproduction and resistance in the new sociology of education: A critical analysis. *Harvard educational review*, 53(3), 257-293. doi: [10.17763/haer.53.3.a67x4u33g7682734](https://doi.org/10.17763/haer.53.3.a67x4u33g7682734)
- Giroux, H. A. (1985). Intellectual labor and pedagogical work: Rethinking the role of teacher as intellectual. *Phenomenology + Pedagogy*, 20-32.
- Giroux, H. A. (1988). *Teachers as intellectuals: Toward a critical pedagogy of learning*. Greenwood Publishing Group.
- Giroux, H., & Kincheloe, J. L. (1992a). Border crossings: Cultural workers and the politics of education. *Journal of Education*, 174(1), 130-135. doi: [10.1177/002205749217400110](https://doi.org/10.1177/002205749217400110)
- Giroux, H. A. (1992b). Post-colonial ruptures and democratic possibilities: Multiculturalism as antiracist pedagogy. *Cultural critique*, (21), 5-39. doi: [10.2307/1354115](https://doi.org/10.2307/1354115)
- González Monteagudo, J. (2002). Les pédagogies critiques chez Paulo Freire et leur audience actuelle. *Pratiques et Analyses de Formation. Revue internationale*, 43, 49-65. [https://www.persee.fr/doc/pfa\\_0292-2215\\_2002\\_num\\_43\\_1\\_2551](https://www.persee.fr/doc/pfa_0292-2215_2002_num_43_1_2551)
- Gutierrez, F. et Prado C. (1999). *Ecopedagogia e cidadania planetária*. Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.
- Haraway, D. (2006). Manifeste Cyborg: Science, technologie et féminisme socialiste à la fin du XX e siècle 1. *Mouvements*, (3), 15-021. <https://www.cairn.info/revue-mouvements-2006-3-page-15.htm>
- hooks, bell (2015). *Ne suis-je pas une femme?: Femmes noires et féminisme*, Éditions Cambourakis.
- hooks, b. (2019). *Apprendre à transgresser. L'éducation comme pratique de la liberté*. Syllepse.
- hooks, b, "How Do You Practice Intersectionalism? An Interview with bell hooks" *Northeastern Anarchist* #15. <https://blackrosefed.org/intersectionalism-bell-hooks-interview/>
- Horkheimer, M. (1974). *Théorie traditionnelle et théorie critique*, Gallimard, 1974.
- Jemal, A. (2017). Critical consciousness: A critique and critical analysis of the literature. *The Urban Review*, 49, 602-626. doi: [10.1007/s11256-017-0411-3](https://doi.org/10.1007/s11256-017-0411-3)
- Kumashiro, K. K. (2000). Toward a theory of anti-oppressive education. *Review of Educational research*, 70(1), 25-53. doi: [10.3102/00346543070001025](https://doi.org/10.3102/00346543070001025)
- Ladson-Billings G., « Toward a theory of culturally relevant pedagogy », *American educational research journal*, vol. 32, n° 3, 1995, p. 465-491. doi: [10.3102/00028312032003465](https://doi.org/10.3102/00028312032003465)
- Lai, E. R. (2011). Critical thinking: A literature review. *Pearson's Research Reports*, 6(1), 40-41. <https://images.pearsonassessments.com/images/tmrs/CriticalThinkingReviewFINAL.pdf>
- Leonard, P., & McLaren, P. (1992). *Paulo Freire: A critical encounter*. Routledge.
- Macedo, D., Freire, P., & (1987). *Literacy: Reading the word and the world*. Routledge.
- McLaren, P. (Ed.). (1995). *Postmodernism, post-colonialism and pedagogy*. James Nicholas Publishers.
- McLaren, P., & Kincheloe, J. L. (Eds.). (2007). *Critical pedagogy: Where are we now?* (Vol. 299). Peter Lang.
- Misiaszek, G. W., & Torres, C. A. (2019). *Ecopedagogy: The missing chapter of Pedagogy of the Oppressed*. The Wiley handbook of Paulo Freire, 463-488.
- Monzó, L. D., & McLaren, P. (2014). Critical pedagogy and the decolonial option: Challenges to the inevitability of capitalism. *Policy Futures in Education*, 12(4), 513-525. doi: [10.2304/pfie.2014.12.4.513](https://doi.org/10.2304/pfie.2014.12.4.513)
- Mozziconacci, V. (2022). *Qu'est-ce qu'une éducation féministe?. Égalité, émancipation, utopie*. Sorbonne (Éditions de la).
- Niranjana, T. (1990). 'History, really beginning': compulsions of

post-colonial pedagogy. *Economic and Political Weekly*, 2379-2384.

Oliveira, I. B. D. (2008). Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência. *ETD Educação Temática Digital*, 9(03), 162-184.  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1050>

Paraskeva, J. M. (2016). *Curriculum epistemicide: Towards an itinerant curriculum theory*. Routledge.

Pereira, I. (dir) (2019). *Anthologie internationale de pédagogie critique*. Les éditions du Croquant.

Perrenoud P. (1993), "Curriculum: le formel, le réel, le caché", in Houssaye, J. (dir.) *La pédagogie : une encyclopédie pour aujourd'hui*, Paris, ESF, 1993, pp. 61-76.

Schneuwly, B., & Hofstetter, R. (2021). Ancrages et transferts transcontinentaux des positions de Paulo Freire: Une théorie de la pratique de la liberté plus qu'une théorie de l'éducation. *L'éducation En débats : Analyse comparée*, 10(1), 8-26. doi: [10.51186/journals/ed.2020.10-1.e271](https://doi.org/10.51186/journals/ed.2020.10-1.e271)

Schubert, W. H. (2010). *Outside curricula and public pedagogy*. *Handbook of public pedagogy: Education and learning beyond schooling*, 10-19.

Shor, I., & Freire, P. (1987). *A pedagogy for liberation: Dialogues on transforming education*. Greenwood Publishing Group.

Walsh, C. (2009). Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-existir y re-vivir. *UMSA Revista (entre palabras)*, 3(30), 1-29.

Walsh, C., & Candau, V. M. (2009). *Critical interculturality and decolonial pedagogy: In-Surgir, Re-existing and re-living*. *Intercultural education in Latin America: between conceptions, tensions and proposals*, 7, 12-43.

Walsh C. (2014), «Interculturalité critique et pédagogie décoloniale: s'insurger, re-exister et re-vivre» dans *Penser l'envers obscur de la modernité*, Limoges, Pulim, 2014, 75-100.


## Sobre a Autora

### IRÈNE PEREIRA

 <https://orcid.org/0000-0002-1243-1188>

Filósofa e socióloga de formação, Irène Pereira é Professora Titular em ciências da educação na Universidade de Rouen Normandie e pesquisadora no laboratório CIRNEF. Suas

pesquisas atuais incidem sobre a filosofia da educação e a ética. É cofundadora do IRESMO e autora de diversas obras sobre o militantismo, a sociologia do trabalho, a filosofia da educação e a ética profissional.

 [irene.pereira@univ-rouen.fr](mailto:irene.pereira@univ-rouen.fr)

### OPEN ACCESS

#### REVISTA INTERNACIONAL EDUCON

PREFIXO DOI 10.47764 · ISSN 2675-6722 · **Qualis (2021-2024): A4**  
<https://grupoeducon.com/revista>

#### GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (EDUCON/CNPQ/UFS)

#### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

##### EDITORA-CHEFE

Prof. Dra. Veleida Anahi Capua da Silva Charlot

##### EDITOR CIENTÍFICO

Prof. Dr. Yan Capua Charlot

##### EDITOR HONORÁRIO

(in memoriam)

Prof. Dr. Bernard Charlot

##### COMO CITAR · APA

Pereira, I. (2024). Une Histoire de la Pédagogie Critique et des Études Critiques en Éducation. *Revista Internacional Educon*, 5(1), e24051002.  
<https://doi.org/10.47764/e24051002>

##### COMO CITAR · ABNT

PEREIRA, Irène. Une Histoire de la Pédagogie Critique et des Études Critiques en Éducation. *Revista Internacional Educon*, v. 5, n. 1, p. e24051002, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47764/e24051002>

**COPYRIGHT © 2024** Autores. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença **Creative Commons Attribution (CC BY)**. O uso, distribuição ou reprodução em outros fóruns é permitido, desde que o(s) autor(es) original(is) e o(s) proprietário(s) dos direitos autorais sejam creditados e que a publicação original nesta revista seja citada, de acordo com a prática acadêmica aceita. Não é permitido nenhum uso, distribuição ou reprodução que não esteja em conformidade com esses termos.